

1.º ANNO—1909—Director, *Larcher Marçal*Prop. Administrador, *HUMBERTO GONÇALVES*

Red. e Adm. R. D. ANTONIO BARROSO, 22



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

DIVAGAÇÕES SCIENTIFICAS C.M.B.

Biblioteca

Os phenomenos sismicos, esses grandes movimentos perturbadores e modificadores da crôsta terrestre, que desde a sua origem têm feito milhares e milhares de victimas, tem a sua causa primordial no continuo resfriamento da terra, alliado, sem duvida, a outras causas desconhecidas.

A terra perde constantemente o calor que se espalha pelos espaços interplanetarios e o seu resfriamento superficial torna-se cada vèz mais distincto.

Regiões como a Groelandia e Islandia, parte setentrional da peninsula Scandinava, a Siberia que ha poucos annos nos estaviavam com as suas magnificas campinas, côr verde carregada, dão-nos agora grandes lençoes de gelo.

Nos mares austraes, a zona gelada augmenta a nossos olhos. Diversas plantas como a vinha, arvores fructiferas que outr'ora se cultivavam e produziam em algumas regiões setentrionaes, fazem uma verdadeira retirada, fugindo para os climas temperados.

Se admitirmos que a terra esfria, o que não podemos duvidar, é porque o calor recebido do sol é em quantidade inferior ao calor obscuro emitido pela terra. Segue-se que a terra recebe calor do sol em metade da sua superficie e emite calor pela metade obscura; e se essa emissão fosse inferior ou igual, não se dava o que vemos.

O calor é a sede de toda a energia; é o grande motôr universal e o homem ainda não sabe definir o calor, porque não sabe o que elle é.

O calor, a electricidade, estes dois fluidos cujo parentesco é tão proximo, tem um enigma na sua constituição; são um todo hypothetico.

O nucleo terreste no estado de ignição é constantemente percorrido por correntes igneas, que se cruzam em todas as direcções, para restabelecer a egualdade de temperatura e para satisfazer a qualquer attracção. São essas grandes correntes que, encontrando uma camada geologica de fraca espessura e pequena textura, determina pela sua colossal energia a deformação ou estremece-

mento da crôsta terrestre, ou ainda a expulsão de parte da sua energia pelas grandes valvulas de segurança, que são os vulcões.

A sciencia diz e affirma muita coisa que está muito longe de ser a ultima palavra sobre o assumpto.

A maneira que caminhamos no sinuoso caminho das gerações os organismos modificam-se, proseguindo todos para um maior grau de perfectibilidade. Tudo obedece ás grandes leis naturaes: —o meio modificando os organismos, a funcção desenvolvendo e adaptando o orgão.

Não podemos deixar de não ficar admirados ao lembrarmos as differenças extraordinarias do homem primitivo para o actual.

Diz o grande sabio Edward Clodol que o homem e o macaco descenderam d'um antepassado commum e as differenças foram-se originando lenta e subtilmente.

O homem ganhou o logar que occupa, mercê de certas vantagens na sua estrutura corporal especialmente a postura erecta, as mãos e os orgãos da falla.

A feliz modificação dos seus dedos, que podem oppor-se um a um ou todos ao polegar, é uma das causas que contribue para que exerça o senhorio sobre a terra.

L. M.



MINIMA

Querer e crêr

RESA uma sentença portugueza: «Querer é poder»-e fóra de toda a duvida é encerrar-se n'ella uma grande verdade, mas não tão completa e inteira, que se possa haver a boa e determinada e inquebrantavel vontade, de se atingir determinado fim, como bastante a conseguil-o, não obstante a grande força que para isso venha do «querer» em toda a sua virtualidade e expansibilidade.

Para que tal succeda, alcançando-se a almejada meta, necessario é e indispensavel e imperterivel se torna que ao «querer» se reuna o «crer», ligando-se no mais estreito e harmonico conjuncto.

Quasi que intuitivo é que assim seja, e longas explanações não serão precisas para que bem se accete como verdade incontestavel.

Se o «querer» é uma grande força só por si, reverte elle, como todas as forças e em si encerra, á contingencia de se gastarem e diminuirem gradualmente, até se extinguirem de todo, com o uso, e por isso se não receber novos e consecutivos elementos que lhe substituam e revigorem a potencia perdida, com o andar do tempo, esmorecerá e succumbirá desalentado.

Ora esses elementos renovadores e revivificadores da energia dissiminada e perdida pelo «querer», em seu interrupto e exhaustivo embate contra os estorvos, contrariedades e empecilhos de toda a especie, com que elle, naturalmente, se defronta em sua porfiada lucha para o conquistado formulado e anhelado exito, que dia a dia lhe vae quebrando e diminuindo a intensidade e energia, só os pode elle colher e integrar em si do «crer», isto é da fé viva, perene e inexgotavel no conseguimento de alguma cousa, que o «crer» n'este sentido entendido, e nem em outro pode ser, na expressão lidima da palavra e da modalidade da alma que ella exprime, já mais afrouxa em sua intensidade e em vez de desanimar e esmorecer com os obstaculos, atravancamentos e difficuldades que pela frente se lhes deparam, bem ao contrario cada vez mais se revigora e realenta nas brigas e combates a que obrigado a entrar em defeza de sua fé, tal como o aço e ouro aos quaes o fogo dá suas mais preciosas qualidades, temperando e retemperando o primeiro, expurgando de fezes e acendendo o segundo.

Do que ahí fica escripto, sobre indiscutivel, testemunho exuberante e incontroverso dá, não só com relação aos individuos, mas ás simples collectividades, e ainda ás nações, a historia que a cada passo com relação aos primeiros, muitas vezes com referencia ás segundas e algumas com respeito ás terceiras, comprova que ao fastigio do poder, da riqueza ou da fama, ao acume do credito, do bom nome ou da celebridade, a logar primacial na expansão do mando, da civilização ou do dominio espiritual, tem obrigado umas e outros, só pela força de sua vontade conjugada estreatamente com a força de sua fé.

No nosso proprio paiz, apesar de pequeno em area e em população no continente, exemplos sobrejso se poderão apresentar da verdade do enunciado, especialmente com relação, e gradualmente de suas duas primeiras formulas, e até com relação á terceira na hegemonia que conquistamos e alcançamos entre todas as nações nos seculos 15.º e 16.º, tão só devida á conjunção de bem «querer» ser os devassadores de mares e nunca d'antes navegados, realisando assim os destinos que nossa situação geographica tão primorosa e adstrictamente nos assignalava com expansão á nossa audaz e bellicosa raça, e de bem «crer», que coroados do completo exito serião nossos cometimentos.

Não basta, pois, o só «querer» para se atingir a pretendida meta, mas indispensavel que a ella se reuna o «crer», fé é bem de vêr, acoraçoado, quanto possivel, com todos os elementos que tornem realisavel a aspiração.

RODRIGO VELLOSO.



Festas das Cruzes

Dr. Ruy Paes de Villas Boas

O esgrimista que alcançou o 2.º premio no torneio d'espada franceza.

Salão Ideal

Distinctissimas, as sessões cynematographicas effectuadas no *Salão Ideal*, que é o melhor que aqui tem vindo. O sr. Augusto Costa, gerente da empreza de que é socio, não tem poupado esforços para bem impressionar, com as sessões que effectua, o publico barcellense. Agora, a exhibição das mais deslumbrantes pelliculas d'arte, a que não deve faltar concorrência.

5.ª feira, 20, a *Tosca*; sablado, 22, a *morte do duque de Guisc*; e domingo, 23, sessões de despedida, com *A Taverna*.

São estas as pelliculas de maior novidade, não só no paiz como no estrangeiro, e merecedoras de serem vistas pelo publico barcellense.

DESDEM

(Versos antigos)

*Passei ha pouco por Ella
E nem sequer me saudou...
Maria, a gentil gazella!
Maria... a que me enamorou!*

*Maria, que em fórma d'anjo
Da córte de Deus Superno,
Me mostrara um ceu azul,
Deixou-me n'um vil inferno.*

*N'um negro inferno de dôr,
Sorvendo um amargo fel...
Eu que, pelo seu amor,
Ia a sorver aureo mel!*

*Quando vira por instantes
Brilhar, sorrir-me a Ventura,
Após ver-me assim; ou, antes,
Sem ter um bem; que tortura!*

*Maria, matou-me a esp'rança
E foi cruel uma vez.
Mas não me admiro; é creança...
Nem sequer soube o que fez.*

*
* *

*Não queira que o tempo rode
Sobre o caso; e se lhe apraz,
Emende a mão, que'inda pôde...
Voltemos ao tempo atraz.*

*Maria, vá, considere
No mal de que soffro só.
Mate esta dôr que me fere;
Ou por amor, ou por dô.*

ALVARO PINHEIRO

Coisas velhas

II

A SEGUNDA typographia, e respectivo prelo, que houve em Barcellos, foi comprada por Francisco Simões Duarte Lira, negociante, e proprietario, na antiga rua Direita, e offerecida por elle a José Silverio da Cunha Osorio, a fim de este montar um jornal politico, de feição *historica*, o que levou a effeito, sahindo o 1.º numero de «O Barcellense» no mez d'outubro de 1859. Foi este «O Barcellense» o primeiro jornal politico, que se publicou em Barcellos.

Um dos motivos, que concorreu poderosamente para a creação d'este jornal, foi a necessidade de propaganda a favor da candidatura do bacharel José Joaquim d'Almeida Peixoto, antigo e abalizado advogado, em Barcellos, contra a candidatura do dr. João Baptista Ferrão de Carvalho Martens, regenerador, e que foi nomeado ministro das justicas sendo deputado por Barcellos. Foi elle, que reformou e deu vida á nossa Collegiada, que *Deus haja!*

Não havia, ao tempo, em Barcellos, quem soubesse da arte graphica; apenas o José Vallongo ia fazendo ensaios na sua typographia e ensinando o Antonio Vallongo, seu filho mais velho; mas o José Vallongo não olhava com bons olhos para a nova typographia de «O Barcellense», e o Osorio teve de luctar com grandes difficuldades para fazer o seu semanario, que era em formato pequeno.

Osorio era o unico a escrever no «Barcellense» n'esta primeira serie; pois que, suspendendo por bastante tempo a sua publicação, reapareceu annos depois, mais moderado; tendo então, n'esta sua segunda serie, a collaboração do Padre Antonio José Monteiro de Lima e do Padre Paes, vindo a terminar, para sempre, em 1878.

Se a memoria me nao engana, creio ter sido no «Barcellense» que Rodrigo Velloso, ainda acadêmico, fez a sua estreia na imprensa barcellense, publicando interessantes folhetins, que faziam andar em bolandas as meninas d'então; que o diga alguma velhota, que, d'esse tempo, ainda haja em Barcellos; e não se queixem da adjectivação; pois que, as poucas raparigas do meu tempo, que ainda ha em Barcellos, mettem mêdo.

Foi na primeira serie do «Barcellense» que Cunha Osorio convidou alguns rapazes para se darem á arte graphica; e assim ali fizeram a sua aprendizagem o José Lopes da Silva, que ahi era conhecido pelo nome de—José da imprensa e Agostinho Durães; este ultimo abandonou a arte, quando suspendeu «O Jornal do Povo» de que, mais ao diante, lhes fallarei, e fez-se empregado em obras publicas, em cuja profissião morreu, e bem novo ainda. O José Lopes deu um typographo

muito razoavel, e tanto que, como já lhes disse, era ahi conhecido pelo—José da imprensa. Estava na «Folha da Manhã» que elle creára, quando, descontente com o nosso meio, já casado e com filhos, se resolveu a ir trabalhar para o Rio de Janeiro, aonde guardou os seus ossos na Tijuca. Acontece isso a muito boa gente; e o José da imprensa pôde estar satisfeito, por se achar em companhia de muitos patricios seus, que lá qui tem ido... levar os ossos á Tijuca!

O José Silverio da Cunha Osorio era o—editor responsavel, era o redactor, e era até o typographo de «O Barcellense»; muitas vezes o encontrei a torneur o seu cigarro com os dedos todos sujos de tinta do typo; tinha a typographia montada em uma casa na antiga rua Direita perto da morada da familia Sousa Neiva; era ahi a redacção e impressão de «O Barcellense».

Como se vê foi o Dr. (como lhe chamavam) José Silverio da Cunha Osorio o iniciador das publicações periodicas em Barcellos; foi quem creou, como já disse, «O Barqueiro do Cavado» primeiro jornal de Barcellos, e, a seguir, «O Barcellense» segundo em o numero dos jornaes, e primeiro na classe dos jornaes politicos.

«O Barcellense» creou a necessidade da fundação de outro jornal politico, que o combatesse; porque o Osorio, só no campo, era terrivel, não respeitava ninguem; era honesto, lavado, (no espirito entenda-se) era a aurora da liberdade d'imprensa, que despontava em Barcellos, que algo lhe deve; e, d'aqui o apparecimento do «Echo de Barcellos» de que fallarei a seguir.

12—5—9.

A. PAES.

A Fonte de Baixo

EU já sabia, por ter lido o livro da *magica-branca* de S. Cypriano, que na Fonte de Baixo ha um sino d'ouro que uma linda moira encantou não sei porque motivo. Talvez por causa da zelaria que as raparigas de Barcellos nutrem pelas filhas de Barcellinhos que são a coisa mais bella que existe n'este mundo de Nosso Senhor Jesus Christo. Que o diga eu, que já fui amado por um anjo de Barcellinhos:—tinha ella os encantos do limonete e o ar esbelto da madre-silva dos campos! Ou lá não estivesse a Senhora da Ponte para abençoar essas formosas quando passam a fazer tremmer o chão e a pôr em bolandas os olhos petisqueiros de muito coração enamorado!

Varzim, adeante, senão... temos aqui para meia hora segura!...

Apesar de eu saber que havia o tal sino na Fonte de Baixo, nunca vi lá coisa de metter medo á gente.

D'uma vez vieram-me dizer que um grande prodigio se tinha dado na Fonte de Baixo! Sem ninguem saber de que maneira, appareceu, de repente, uma cruz, muito prelinha, circumdada de rosas!...

Fui ver, francamente, não-de me perdoar, mas eu não vi nada;—perdão, quero dizer, só vi flores. O povo corria que se matava para não ver coisa nenhuma... Estava ao pé uma pobre senhora, muito religiosa, modesta, boa creatura, muito temente a Deus e amiguinha do jejum, pelo menos fazia abstinencia dos succulentos acepipes. Comia tudo quanto havia de mais fraco e quando apparecia, providencialmente, o Ferruge a mandar enterrar o peixe pôdre que á surrelha dava entrada no Mercado, a pobre creaturinha chorava que nem uma videira por causa d'um desperdicio que era mesmo dizia ella, um peccado mortal!

E se alguem a tentava consolar redarguia em seguida: «Estamos perdidos, estamos perdidos; a gente d'agora só gosta do Mundo, do Diabo e da Carne,—os trez inimigos da alma! O Senhor da Cruz nos ajuda pela sua infinita Misericordia. Amen!»

Mas eu continuo.

No segundo dia, a cruz da Fonte de Baixo já tinha flores e uma grade de pau parecida com uma capoeira; e, ao terceiro dia, já tinha flores, grade e quatro lampiões d'azete! Na gente do bairro, ai que falatório! Nas pedras do rio, ai que commentarios! Na villa e em Barcelinhos, ai que borborinho!

Vae d'ahi, annunciou-se, que andava o Diabo á solta na Fonte de Baixo! Que seria? que não seria? Disse a pobre da devota senhora, que, pelo escuro da noite, o espirito infernal lhe tinha arrumado com a grade e os lampiões pelo fraguado abaixo, e quasi que por uma unha negra que não ia tudo aquillo emborcar-se no agude de Maréces!

Reposto tudo no seu lugar, parece que tudo corria muito bem; pois não é assim? Está quieto Antonio! No dia immediato, ou coisa parecida, volta o Diabo a andar á sol-

ta pela Fonte de Baixo e, d'esta vez, a coisa foi mais seria do que se pensava:—nem grade nem lampiões, nem signaes da veneravel Cruz! A pobre mulhersinha dava por paus e por pedras, mas... o Diabo (salvo seja), não tinha deixado vestigios de tão estupendo milagre...

E a pobre da creatura a pensar que tinha alli uma mina de carções!—e a Fonte de Baixo a julgar que ia ter uma basilica com o sino da moira—*dom-de-jo-n, dom-de-jo-m, ... temos mais força que o Barba-dão!!...*

E assim se desfez um sonho! Pobre Sur^a. D. Maria! que a terra lhe seja leve e Deus lhe agradeça tão boas intenções!

O Diabo sempre prêga cada partida que é da gente ficar de cara ao lado. Mas, quer nao; quando vou pela Fonte de Baixo, sempre tenho estas amabilidades: «Viva o Senhor Diabo e passe por lá muito bem!»

Povoa de Varzim.

CANDIDO LANDCLT.



Festas das Cruzes

Eduardo Martins da Costa

O atirador barcellense que mais se distinguio no torneio de tiro aos pombos.

DE RELANCE

FUI ha dias ver uma d'aquellas excellentes sessões cynematographicas que a empresa C. C. C. nos vem proporecionando no *Salão Ideal*, montado no Campo da Feira e que, d'igo-o de passagem, tem despertado interesse á nossa sociedade elegante que, todas as noites, ali se encontra, assistindo ao desenrolar de

Vibrações

*Se um mão Destino, agora, a vida nos apouca,
Fazendo-nos sentir uma magua infinita,
Não importa o padecer, que inda é maior a dita
De ter extranho Amor cantando em nossa bocca!*

*Por que clama nossa alma, inteiramente louca,
Contra o profundo mal que sobre nós crocita,
Se, embora nos separe uma ausencia ma! dita
O soffrimento é nada e a desventura é pouca?!*

*Por que em nós se produz anciedade tamanha,
Por que todo este mal, esta saudade extranha
Que nos tortura e algema e mata, fibra a fibra?!*

*Que vibre um canto extranho e esta magua aniquile,
E que uma Luz perpetua em nossa alma scintille,
Onde um poema de Amor heroicamente vibra!...*

MCMIV

LYVIO PERALTA

pelliculas interessantes. O quadro que mais me agradou, no sentido de ser moralizador, foi aquelle que tem o titulo--*O jogador*.

O jogador, viciado, esquece os seus deveres para com a familia, esquece a vida e... quantas vezes o jogo, que o cega, o leva á pratica de crimes, das acções mais repellentes e degradantes, arrastando, (quantas vezes?) a familia á miseria!

Miseria! A miseria! Quanta gente ha que se debate com a miseria, em lucta porfiada, sem a vencer?!

Quantos artistas ha, quantos operarios se veem que, abandonando o trabalho, que é o seu ganha pão, que é o sustento de sua familia, se sentam, a uma banca de jogo, dias e noites, tardes e horas, queimando o peculio que tem para o pão de seus filhos, para o sustento de sua esposa?!

Os filhos--os entes queridos de um coração de paol

E filhos e paes, quantas vezes se veem, na tasca, tragando meias, até cahir?!

Ao jogador, nem vale o conselho amigo da esposa, nem os choros angustiantes dos filhos, que pedem pão, quando o não tem para mitigar a fome! Que excommungado vicio!

Emquanto a fita cinematographica nos apresentava, na tela, os lances animados do jogador, que de lembranças tragicas me subiam á ideia. Vêr a esposa, supplicando ao marido que abandonasse o jogo e elle... a insistir... Vêr a esposa negar ao marido o dinheiro que elle pretendia para levar á banca; vêr os gestos ameaçadores do marido, como que intimando a esposa a entregar-lhe o dinheiro que desejava. E vêr a esposa, deixar-se vencer, pelo amor conjugal, diante das ameaças do marido do viciado,—quem é que não sentiria o coração angustiado perante o soffrimento da esposa, perante aquella constante desintelligencia entre os dois esposos?

E depois... o crime, quando a bondosa esposa pretendia assegurar o futuro do filho querido! O crime!? A que leva o vicio:—entrar n'uma casa de banidos e pagar-lhes para raptarem o filho e matal-o, eis o epilogo da scena, com o fim de ficar desembaraçado para poder jogar, para poder gastar os seus meios de fortuna, no jogo! Mas o filho salvou se e elle, o jogador, suicida-se!

Eis o triste fim d'um viciado, d'um criminoso... d'um criminoso que o vicio fez! E se assim não fosse, o jogador iria parar ás galés



Festas das Cruzes

Retraite

CARRO ALLEGORICO DO "BARCELLOS-REVISTA,"

para pagar caro o seu crime—o seu crime... não!—o crime do seu vicio!

E' educativo este quadro. Vêr na photographia animada a lição dos factos, é aprender, é educar-se, porque, o crime que se vê praticar, tem a sua condemnação immediata; o bem, vê-se tambem recompensado.

E' a vida que se estuda!

J. S.

Chronica ligeira

UAE já volvido meio me7 sobre as brilhantes festas das Cruzes, cujos primeiros echos deixei registados na minha ultima chronica.

A villa retomou o seu aspecto de habitual pacatez e, se não fossem os destroços das barracas da feira e o Salão Ideal, onde funciona um excellente cinematographo, que tem feito as delicias do nosso publico, nenhum vestigio existia já das nossas importantes festas, que fizeram honra ás tradições fidalgas d'esta linda Barcellos.

Fica no entanto e para jamais olvidar-se, a lembrança gratissima d'esses dias alegres, em que se deu execução bizarra a um programma esplendido, cujos vistosos numeros tinham um grande cunho de palpitante modernismo, ao mesmo tempo que mantinham a feição tradicional das antiquissimas festas.

Tudo magnifico, e muito bem orientado, mas é justo extremar-se a grandiosa parada agricola, o maravilhoso certamen, que se deve á iniciativa intelligente do nobre presidente d'honra da Commissão, sr. Conde de Villas Boas.

Mas que extraordinaria semana de trabalho e que perseverante esforço representa a realização d'esta festa incomparavel!...

Que' o diga o seu illustre iniciador, que, todavia, pôde lograr a satisfação enorme de vêr a sua actividade benemerita coroada de exito supremo.

A parada agricola marcou epocha.

Mas todos os numeros da festa foram excellentes.

As illuminações deslumbrantes, verdadeiramente feericas as da Calçada e interessantissimos os torneios de tiro e de espada.

No primeiro deixou largo rastro de evidencia Eduardo Martins e no segundo affirmou no'ave' destreza, nimbando-se tambem da auréola gloriosa de triumphador, o dr. Ruy Paes, como na marcha luminosa, onde tudo era scintillante e bello, a «Barcellos-Revista» logrou destaque, não tanto pelo brilho ou elegancia do carro, como pela galhardia e distincção do seu corpo redactorial.

Eriosos moços cheios d'animacão e engenho, podiam lá deixar de levar o seu concurso ás festas grandiosas, que aqui deixo notuladas nos traços rapidos d'uma penna agreste.

M.

Interesses locais

Saneamento

Vamos mais uma vez pregar no deserto; mas não cançaremos, apezar dos nossos esforços serem por ora infructiferos.

Esperamos para quando se passar das palavras ás obras, que todos os partidos acima dos seus interesses e dissensões se sacrificuem, trabalhando, todos unidos, para a realisação de diversos melhoramentos imprescindíveis.

E' preciso vêr no saneamento de Barcellos uma obra de importancia capital.

E' certo que Barcellos é ainda favorecida por um factor hygienico natural, que é o seu clima, contribuindo para que o boletim sanitario não nos mostre abertamente o grande perigo que nos cerca.

E' para notar que não podemos estar em melhores condições; para que esses importantes trabalhos se façam sem grande dispendio.

Não temos grandes differenças de nivel e seria muito facil o aproveitamento de todos os dejectos para a agricultura, que constituiriam uma grande parte de receita.

Conjunctamente com a rede de canalisação, era indispensavel a distribuição, por toda villa, de mictorios e sentinas hygienicos.

SPORT

TIRO AOS POMBOS

Por occasi o das nossas festas de Cruzes é organizado pelo *Sport Club Barcelense*, realisonou-se, na Quinta da Barrieta, do sr. Visconde da Fervença, digno presidente do *Sport Club*, o annunciado torneio de tiro aos pombos, que decorreu muito brilhante.

O jury, composto dos srs. Desembargador Martins da Costa, major Simas Machado, Visconde da Fervença, tenente Bacellar e José Lopes, conferiu os seguintes premios:

1.º—medalha d'ouro e 20 01. do producto da venda das armas, ao sr. dr. Eduardo Vieira, da Povia de Lanhoso; 2.º—*coupe* de prata e crystal, ao sr. Joaquim Pereira Borges, de Fimalta; 3.º, salva de prata, ao sr. Eduardo Martins, d'esta villa; 4.º, tinteiro de prata e crystal, (premio offerecido pelo «*Barcellos-Revista*») ao sr. Gaspar Guimarães; 5.º, tinteiro de prata, ao sr. Manoel Nunes, de Braga; e 6.º, medalha d'ouro, ao sr. Eduardo Martins, d'esta villa.

Ao vencedor dos 3.º e 6.º premios, que foi o socio do *Sport Club* que mais se distinguio no torneio, prestamos, com a publicação do seu retrato, a mesma homenagem.

TORNEIO DE ESPADA

Foi, sem duvida, um dos mais felizes numeros das nossas festas, que se realisonou na cêrca do Hospital. Tomaram parte n'este torneio os srs. dr. Ruy Paes de Villas Boas, Achilles Muaze, Adolpho Correia, Raul dos Santos, Alberto Oliveira e Antonio de Lemos.

Coube o 1.º premio, salva de prata, ao sr. Adolpho Correia; e o 2.º, um *porte-cartas*, de prata e crystal, ao sr. dr. Ruy Paes. O *Barcellos-Revista* publica tambem o retrato de este seu illustre patricio, reterendo-lhe assim o seu preito de sympathia e admiração.

PERFIS MASCULINOS

VI

Por Lisboa a figurar,
—Cartola, sobre-casaca—
Conseguiu *posta* arranjar;
Por emquanto um pouco fraca.

Foi d'um salto ao Alemtejo,
Andou na posse ligeiro;
Mas tanto porco! Que pejo!...
Deixou lá um jornaleiro.

Depois, *tecendo os pausinhos*
Arranjou *cunha* mais forte;
E foi, graças aos padrinhos,
Mandado cá para o norte.

Mas que má sinal! Que fado!
Eil-o ao porco outra vez junto!
E' na terra collocado
Do saboroso presunto!

Com certeza foi pirraça
Por isso, sem mais detença
Arranjou p'ra poupar *massa*
Bons seis mezes de licença.

Esguiu como um pinheiro
E' homem de dous offcios;
Teve tambem um terceiro
Que deixou... por *maus indícios*.

DOIS AMIGOS

EXPEDIENTE

Pedimos muita desculpa aos nossos presos assignantes e collaboradores, pela demora com que sabe o presente numero; ao sr. director do correio pedimos o maior cuidado na distribuição d'esta Revista, pois que muitos assignantes se queixam de que não recebem a nossa publicação, sendo certo que é com a maior attenção que fazemos a remessa do jornal para o correio.

A quem compete, pedimos providencias.